

As concepções dos enfermeiros/docentes frente à atuação da enfermagem na terapia com células tronco

Danusa Begnini*, Silvana Bastos Cogo Bisogno**, Tamires Patricia Souza*

RESUMO: Há vários anos, comunidades científicas internacionais analisam novas formas de tratamento de doenças, uma delas é a terapia com células tronco. Haja vista a necessidade dos profissionais enfermeiros estarem inseridos nessa temática, pretendeu-se realizar uma pesquisa com o objetivo analisar e descrever a concepção dos enfermeiros/docentes quanto à atuação e inserção da enfermagem na terapia com células tronco. Acerca da metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritiva e exploratória. A coleta de dados ocorreu por meio de perguntas semi-estruturadas aos dez enfermeiros/docentes de uma instituição de ensino superior do norte do RS. Como método de análise dos dados, utilizou-se a análise temática de Minayo (2007). Quanto às questões éticas, estas foram estritamente respeitadas, tendo em vista a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. Dessa forma, incide a necessidade do conhecimento em células tronco, por parte dos profissionais da enfermagem, para uma boa intervenção na condição de saúde de seu cliente.

Descritores: Bioética; Células tronco; Enfermagem; Ética.

The conceptions of the nurses/teachers front to the performance of the nursing in the therapy with stem cell

ABSTRACT: It has some years international scientific communities analyze new forms of treatment of illnesses, one of them is the therapy with stem cell. It has seen the necessity of the professional nurses to be inserted in this thematic one was intended to carry through a research with the objective to analyze and to describe the conception of the nurses/teachers how much the performance and insertion of the nursing in the therapy with stem cell. Concerning the methodology one is about a qualitative research of descriptive and exploratory character. The collection of data occurred by means of questions half-structuralized to the ten nurses/teachers of an institution of superior education of the north of the RS. As method of analysis of the data it was used thematic analysis of Minayo (2007). How much to the ethical questions, these strict had been respected, in view of the approval for the Committee of Ethics in Research of the UFSM. Of this form, the necessity of the knowledge in stem cell on the part of the professionals of the nursing for a good intervention in the condition of health of its customer.

Descriptors: Bioethics; Ethics; Nursing; Stem Cells.

*Enfermeira, graduada em Enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo Centro de Educação Superior do Norte do RS (CESNORS), RS, BRASIL.

**Enfermeira, Mestre em enfermagem, Professora Assistente no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo Centro de Educação Superior do Norte do RS (CESNORS), RS, Brasil.

Las concepciones de los enfermeros/maestros al frente de la actuación de enfermería en la terapia concélulas troncales

RESUMEN: Hace varios años, las comunidades científicas internacionales analizar nuevas formas de tratamiento de la enfermedad, una de ellas es la terapia de células madre. Teniendo en cuenta la necesidad de que las enfermeras se incluyan en este tema fue la intención de llevar a cabo una encuesta para analizar y describir el diseño de las enfermeras / maestros sobre el desempeño y la integración de la enfermería en la terapia de células madre. Acerca de la metodología es un carácter cualitativo descriptivo y exploratorio. La recolección de datos fue a través de preguntas semi-estructuradas a los diez enfermeras / profesores de una institución de educación superior en el norte de RS. Como un método de análisis de datos se utilizó el análisis temático de Minayo (2007). Lo que respecta a las cuestiones éticas, estos se cumplan estrictamente, con miras a su aprobación por el Comité de Ética en Investigación de UFSM. Por lo tanto, se refiere a la necesidad de tener conocimientos sobre las células madre de los profesionales de la intervención de enfermería en un buen estado de salud de su cliente.

Descriptores: Bioética; Enfermería; Ética; Las células madre.

Introdução

Em geral, pesquisas com células tronco visam, principalmente, o tratamento de doenças, a compreensão do desenvolvimento humano da diferenciação e proliferação celular, bem como a geração de linhagens celulares para teste de drogas *in vitro*. Para tanto, há vários anos, comunidades científicas internacionais analisam a possibilidade, os riscos e aspectos éticos de estudos, envolvendo células tronco.

Sabendo da existência dos dois tipos de células tronco - as adultas e as embrionárias - vemos a formação de vertentes, no que tange opiniões, conceitos éticos e científicos. Destarte, existem aqueles que defendem a necessidade da pesquisa com células tronco embrionárias, por se diferenciarem mais do que os outros tipos celulares, tendo assim, uma maior abrangência sobre os órgãos lesados. Por outro lado, há os que se opõem a esse vértice, a partir de aspectos relacionados à segurança dos procedimentos de regeneração tecidual por células tronco e questões éticas. No caso, como as células tronco embrionárias são muito indiferenciadas, sua introdução no organismo adulto pode, ao contrário do previsto, levar à formação de tumores benignos ou malignos, ao invés de regenerar o tecido. Deste modo, o uso de células tronco embrionárias, em seres humanos, ainda precisa de muitos estudos que garantam a segurança de que o indivíduo não desenvolva um câncer.

As questões éticas presentes em qualquer estudo de ordem humana, que se impõem imperativamente frente às inúmeras possibilidades de utilização das células tronco, são especialmente pertinentes ao se tratar das células tronco embrionárias, dentre outros motivos, por causar a morte do embrião¹. Portanto, em qualquer discussão ética, deve-se ter sempre em mente o princípio da responsabilidade, ressaltando a responsabilidade individual, a qual deve ser assumida por todos os envolvidos em pesquisas com terapia celular.

Mesmo cientes de que a ciência faz a interação cientistas/pesquisadores, é visível que esse contexto pode acarretar lucros ou prejuízo aos interesses do paciente, devendo, acima de tudo, prestar contas de seus atos à sociedade. Dessa forma, a objetividade de qualquer tipo de estudo, envolvendo seres humanos, deve ser questionada perante sua real legitimidade, devendo, qualquer estudo, passar pelo tribunal incerto de fidedignidade

científica. Afora isso, há de ser submetido a todas as outras instâncias julgadoras, as quais têm o dever de dizer se as mesmas são sustentáveis ou não.

Os preceitos morais e éticos, em pesquisa, exigem uma conduta voltada ao melhoramento social e de saúde humana. Em vista disso, a terapia celular está, cada vez mais, ganhando um espaço nos procedimentos técnicos e com resultados satisfatórios, cumprindo, eficientemente, a missão confiada aos pesquisadores de tratamento celular.

Dada a sua complexidade, a discussão do uso e não uso de células tronco embrionárias, principalmente nas diversas áreas da saúde, precisa ser aprofundada. Assim, frente às questões éticas suscitadas, surge a indagação: Qual a concepção dos enfermeiros/docentes sobre a inserção e a atuação da enfermagem nessa terapia? Qual a abrangência de seu conhecimento, quanto ao uso de células tronco embrionárias e adultas no uso da terapia regenerativa celular?

As presentes questões são de grande relevância, pois na graduação e na profissão da Enfermagem são priorizados ensinamentos que visam ao cuidado do indivíduo, de forma humanizada e ética, bem como a promoção da saúde. Enfim, normas básicas para a formação dos profissionais que devem ser seguidas durante sua vida profissional.

Essa visão está pautada nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem², através do Conselho Nacional de Educação, pela resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, perante seu artigo VI, que trata das Ciências Biológicas e da Saúde, onde incluem-se os conteúdos, de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da função e estrutura dos órgãos, tecidos, aparelhos e sistemas, aplicados às situações que surgem do processo saúde/doença no desenvolvimento da prática assistencial de Enfermagem.

Frente a esse fundamento, profissionais enfermeiros/docentes são incumbidos, principalmente, de desenvolver o cuidado, tendo em vista uma forma de tratamento plausível para dada patologia e, conseqüentemente, a reabilitação do indivíduo acometido por ela. Assim, deve-se estar atento à novas formas de tratamento e possível cura oferecida por novas tecnologias, aperfeiçoando seus conhecimentos.

Haja vista a necessidade dos profissionais enfermeiros estarem inseridos nessa temática, pretendeu-se realizar uma pesquisa com o objetivo de analisar e descrever a concepção dos enfermeiros/docentes quanto à atuação e inserção da enfermagem na terapia com células tronco. Como resultado adjacente dessa pesquisa, buscou-se identificar, ainda, a visão do enfermeiro/docente acerca da inclusão social dos indivíduos na terapia celular.

Materiais e métodos

Este trabalho tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo exploratório. A pesquisa qualitativa, além de desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a própria investigação³.

O local do estudo correspondeu a uma Instituição de Ensino Público de nível Superior, localizada na região Norte do Estado do Rio Grande do Sul. O Curso de Enfermagem, oferecido pela Instituição, forma profissionais com perfil generalista, habilitando e formando para atuar na prevenção, promoção e reabilitação da saúde das pessoas, bem como no ensino e na pesquisa.

Neste local, atuam dezesseis professores com graduação em enfermagem, pertencentes ao departamento de Enfermagem. Nesta pesquisa, foram entrevistados dez enfermeiros/docentes, considerando os que aceitaram participar da pesquisa e que possuíam atuação efetiva com os acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem. Ressalta-se que foram excluídos, da participação, os docentes envolvidos diretamente a essa pesquisa.

Dessa forma, pretendia-se, interativamente, ter como produto uma descoberta de opiniões no meio docente. A escolha dos sujeitos para a presente investigação se deu com o intuito de, por meio dela, examinar o conhecimento dos profissionais e, desse modo, lhes chamar à atenção para essa importante temática acerca das células tronco. No que se refere à Enfermagem, tem-se relevância especial por se tratar de uma possibilidade de tratamento para algumas doenças crônicas de alta relevância no meio social, as quais acometem o ser que será alvo de cuidado pela enfermagem.

Os sujeitos foram identificados no texto por uma letra seguida de um número (Ex: E1 equivalente ao entrevistado número um).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, até que houvesse a saturação dos dados. Desta forma, por critério de saturação, se entende o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo³.

Os depoimentos foram gravados com gravador digital e posteriormente transcritos, respeitando a fidedignidade à compreensão do material. O registro fidedigno, e se possível “ao pé da letra”, de entrevistas e outras modalidades de coleta de dados, cuja matéria prima é a fala, torna-se crucial para uma boa compressão da lógica interna do grupo ou coletividade estudada³.

A análise dos dados se deu de forma homogênea, utilizando, como método de análise, a temática de Minayo³.

Fundamentado no conceito celular, ético e metodológico advindo dessa pesquisa, após a análise das entrevistas, emergiram duas categorias: A enfermagem inserida na terapia com células tronco e a inclusão social nessa terapia.

O estudo foi iniciado após aprovação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria no dia 09/08/2010, com número de protocolo 23081.009909/2010-56, conforme prevê a Resolução 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que visa fundamentalmente resguardar o respeito às pessoas.

A participação dos sujeitos na pesquisa não envolveu nenhuma forma de pagamento. Os pesquisadores estiveram e estarão à disposição para prestar esclarecimentos aos participantes, sempre que solicitado. Será preservado o anonimato dos participantes.

Resultados e discussões

A enfermagem inserida nessa terapia

Exercer o cuidado, como profissão, conforme está pautado na profissão do enfermeiro, requer a busca de conhecimento. Sabe-se, hoje, que tanto no período de graduação quanto na vida profissional do enfermeiro são priorizados preceitos que visam à atenção ao indivíduo enfermo de forma humanizada e ética. Para tanto, é necessário atentar tanto aos velhos quanto aos novos tratamentos, por parte do profissional enfermeiro, para que ele possa, de

certa forma, contribuir na propedêutica do indivíduo acometido por doenças, sejam elas crônicas ou não. A obscuridade no conceito dentro da enfermagem sobre o tema é evidenciado na fala a seguir:

[...] se tiver mais estudos, mais esclarecimento, vir algumas pessoas explicar pra nós como funciona, eu acredito que é importante, não só para a enfermagem, mas para todas as profissões, primeiro ter um conhecimento do que é para poder discutir sobre [...] (E8)

Dessa forma, sabe-se que a enfermagem tem atividades específicas, porém, cabe a todos os profissionais da saúde realizar a escuta, o acolhimento, o aconselhamento, o estímulo para a autonomia e principalmente a cidadania⁴. Por ter um contato de maior proximidade com o indivíduo, é de suma importância desempenhar o papel educador e elucidativo perante a essa nova terapia, como evidenciado abaixo:

A enfermagem trabalha diretamente com pacientes e na maioria das vezes portadores de doenças crônicas, então eu acho que o conhecimento nessa área trás uma nova opção terapêutica para esses pacientes, e eu acho que justifica a importância deles saberem dessa utilização e da existência desse procedimento, desse processo todo. (E10)

É necessário que o profissional enfermeiro exponha os rumos do tratamento com células tronco em todos os âmbitos, inclusive aqueles que podem gerar danos ao ser. Em alguns casos escassos, o tratamento com células tronco causa complicações, podendo levar a pessoa à morte ou mesmo alterar a sua qualidade de vida, tanto durante o procedimento, quanto no período pós-transplante. É neste contexto, que o paciente enfrenta as diferentes fases do tratamento, desde o surgimento da doença, o enfrentamento a ela, a perspectiva futura de cura, estabilidade do quadro clínico ou, ainda, a morte. Assim, no transcorrer do tratamento celular, o enfermeiro desempenha um papel significativo no cuidado ao transplantado e também à família. É imprescindível a presença do enfermeiro, gerando a assistência da saúde em todas as fases da doença do indivíduo, cuidando não somente do corpo, mas também da mente dos envolvidos⁵.

A falta de interesse em buscar informações sobre essa terapia, por parte do enfermeiro, pode estar associada à tão longínqua e distante realidade em que se inserem os profissionais participantes da pesquisa, de modo que, é uma possibilidade muito remota ter algum paciente, no cotidiano desses profissionais, que participou ou participe desse tipo de terapia gênica. Um dos fatores desse afastamento, em relação ao conhecimento, pode ser a própria distância quilométrica de grandes centros, onde essa terapia é disponibilizada, ou até mesmo a falta de inclusão social no tratamento com relação aos habitantes de certas loco regiões. A fala a seguir enaltece a inspiração por um futuro promissor para o tratamento celular:

[...] eu acho que é importante que saibamos sobre esse tema, até por que tenho a impressão que vai acabar sendo descentralizando de grandes centros urbanos. (E4)

De tal modo, o interesse em novas tecnologias, principalmente aquelas que somam na propedêutica do indivíduo, devem ser estudadas. Os profissionais da saúde têm o dever de fazer o que é benéfico do ponto de vista da saúde e o que é benéfico para os seres humanos em geral⁶.

Outra possível causa para o afastamento do profissional enfermeiro, para com essa terapia, seria uma possível desilusão diante ao tratamento, quando é verificado que, apesar dos avanços nessa área, grande parte das promessas atuais da aplicação médica das células tronco somente serão alcançadas num período de médio a longo prazo.

A terapia celular regenerativa não é um produto colocado à venda e, muito menos, a promessa de sonhos inatingíveis. Entretanto, a realidade aponta para avanços notáveis na saúde e melhoria de vida. Este contato entre o agente vulnerável e o tratamento celular faz nascer o conceito de bioética, que não só defende a vida, como também defende a sua qualidade. O paciente passa a ser parte integrante e ativa, não no equacionamento do seu mal, mas sim, em saber quais são as opções clínicas e cirúrgicas para o seu tratamento. Já foi o tempo em que o profissional da saúde tratava o paciente, como um sujeito passivo de suas ações, o alvo de sua intervenção profissional⁷.

[...] dentro dos serviços de saúde tem uma imensidão de doentes crônicos... Aliar esse âmbito que trabalha bastante com o doente crônico com o âmbito das pesquisas, dessa tecnologia mais dura que seriam essas pesquisas científicas dentro do laboratório [...] eu acredito que seria muito importante. Em relação à enfermagem mais ainda, por que a enfermagem tem um acompanhamento ao indivíduo ela não trata somente a doença crônica, mas também cuida durante todo o processo. Então ela pode acompanhar sinais e sintomas diferentes. Pode acompanhar a vivência dessa pessoa com sua doença crônica. Investir em estudos com células tronco que possam melhorar a qualidade de vida dos portadores de doenças crônicas eu acho que seria um bom caminho. (E7)

A fala acima tem importante sentido quanto colocada lado a lado com a análise de Mercês⁵, a qual menciona que o enfermeiro tem o dever de integrar a novidade, a idéia, modelar e compor, ou seja, conhecer o fato novo e torná-lo familiar; interpretar a realidade, na qual a idéia é naturalizada, o percebido pelo concebido, ou seja, traduzir o fato novo, ou interpretá-lo; orientar as condutas e as analogias sociais, ou seja, tomar decisões e agir. Esses aspectos perduram, ainda mais, quando se trata de terapia celular. É o dever de o enfermeiro instruir o indivíduo não somente para uma garantia de cura, mas para despertar de uma esperança na reabilitação desse indivíduo.

Debater sobre células tronco, na área de Enfermagem, não é tarefa fácil. Os procedimentos envolvidos nessa terapia envolvem questões do início e do final da vida, dos limites da individualidade e dos direitos individuais, em contraposição com o bem coletivo, despertando, de tal forma, um embate legal e ético.

O cuidado de enfermagem remete à visão abrangente e ampla do cuidado, enquanto conteúdo ou essência da vida dos seres ou processo dinâmico produtor e protetor da vida. Este sistema configura-se, ora por pequenos atos/momentos, ora como atividade básica do profissional enfermeiro, ora como um misto de atividades de saúde e ora como um encadeamento de medidas assistenciais, administrativas e legais dos diferentes sistemas sociais; ora situado no mundo concreto e nos limites de uma estrutura organizacional; ora transcendendo ao controle objetivo real, extrapolando até mesmo as políticas sociais e as vontades individuais, assim como cita Mercês⁵.

A inclusão social no tratamento com células tronco

A inserção social da terapia celular, pela população, ainda é pequena se comparada aos benefícios expostos, porém há a necessidade de incorporar profissionais capacitados em ambos os lados: tanto envolvidos na terapia em si - gerando a assistência de qualidade durante o tratamento, atenção e cuidado ao indivíduo como um todo - como também, enfermeiros engajados em inserir novos indivíduos nessa terapia, atentando para as constantes mudanças, além de descobertas, atualizando cada vez mais seus conhecimentos. Desta forma, eles podem intervir, de maneira educativa, na condição de vida do seu paciente, gerando, de tal modo, uma possibilidade a mais para um bom prognóstico.

Quando falamos em equidade - universalidade e integralidade - retoma-se, na memória, princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), os quais norteiam as ações destinadas ao indivíduo usuário desse Sistema, vigente em nosso país. A competência principal é a de diminuir o sofrimento humano, prevenindo ou tratando doenças e, por consequência, aumentando a expectativa de vida. Incentivos à pesquisa científica, para o tratamento, cura ou amenização de patologias e sua dor, deveriam ser baseados em políticas públicas de saúde específicas, contribuindo assim, para novas descobertas no ramo biológico e de tecnologia, cooperando na propeidêutica do indivíduo.

Sabe-se que, atualmente, a maioria dos tratamentos com células tronco disponíveis no Brasil é realizado por meios de pesquisa, excluindo-se o transplante de medula óssea. Todavia, uma grande barreira é enfrentada, pois a maioria das pesquisas com células tronco no Brasil são financiadas por Institutos de Pesquisa e não pelo SUS. Quanto à coleta de células tronco adultas como, por exemplo, as do cordão umbilical - o qual necessita de um armazenamento desse cordão - requer um custo. Se optado for, pelo banco de armazenagem público, a própria instituição o custeia. Porém, se a escolha for um banco privado, o valor, em média, é de R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) para a coleta e mais os gastos anuais com o armazenamento desse cordão.

Em entrevista ao Diabetes Net em 2008, Voltarelli⁸ cita que “raras exceções são feitas através da Justiça, de modo que, uma liminar concedida pelo Juiz faz com que o SUS custeie essa coleta e posterior armazenagem”.

É importante ressaltar, aqui, o transplante de medula óssea, o que é, de fato, conhecido por muitos, todavia, mesmo com o nome de transplante de células tronco, não o deixa de ser. Este, por sua vez, visa à retirada de células tronco da medula óssea ou até mesmo do cordão umbilical do doador e, posteriormente, a uma reimplantação das mesmas, no portador de leucemias, e outras doenças neoplásicas do sangue. Há, hoje, 50 (cinquenta) centros financiados pelo SUS em tratamento de leucemias, doenças medulares, hematológicas e genéticas no Brasil.

O primeiro transplante com células tronco, retiradas da medula óssea em pacientes com insuficiência cardíaca devido à doença de chagas, foi realizado pela equipe do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, da Fiocruz, na Bahia, um acontecimento até então inédito no mundo. Os resultados foram obtidos muito rapidamente. Tal projeto contou com o financiamento do Ministério da Ciência e Tecnologia, Fiocruz, CNPq e também do Hospital Santa Izabel da Santa Misericórdia, que chegou a investir recursos próprios para a realização dos transplantes⁹.

Saúde (Santa Maria), Ahead of Print, v.37, n.2, p. 89-100, 2011.
Begnin, D.; Bisogno, S. B. C.; Souza, T. P.

Sabemos que as pesquisas com células tronco, no Brasil, acontecem em um ritmo mais lento, se comparado ao avanço que outros países já fizeram nesse âmbito. Porém, a expectativa de que o Brasil se torne auto-suficiente nesse setor e que esse tratamento fique mais disponível e, conseqüentemente, profissionais da saúde, incluindo enfermeiros, possam participar desse mecanismo de inserção, é confirmada a fala a seguir:

[...] quem usufrui das células tronco hoje no Brasil? Sabemos que nos outros países as pesquisas estão mais avançadas, os tratamentos são mais efetivos, o Brasil ainda está engatinhando nesse sentido. Mas eu acredito que ainda fique disponível, fique com maior acesso às pessoas que não tem condições sócio-econômicas pra bancar esse tratamento. Eu não sei dizer hoje se o Sistema Único de Saúde com a verba desse sistema publico, se ele cobre esse tipo de transplante, mas pelo senso comum que vejo na televisão eu acredito que fique restrito a uma camada social. (E7)

O “ficar restrito a uma camada social”, citado pelo entrevistado número 7 é um fato pertinente atualmente em nosso país, pois, de certa forma, o local de inserção/residência do indivíduo que participa dessa terapia, mais frequentemente, os residentes das metrópoles, ou até mesmo o ato de conhecer o tratamento definem o perfil das pessoas que usufruem dessa terapia, as quais se detêm em sua maioria a essas características.

No que se refere à ajuda profissional a indivíduos acometidos por doenças - relacionando-as à possibilidade de novos tratamentos, incluindo aí a terapia celular - é necessário compreender a trajetória do indivíduo como um todo, ou seja, a influência de sua cultura, suas crenças e valores, além do conhecimento sobre saúde e, finalmente, sobre sua doença. Esta afirmativa pode ser observada através da seguinte fala:

[...] às vezes, as pessoas não querem aceitar esse tipo de tratamento e nem aceitam que alguns familiares se submetam a isso, mas não porque elas não acreditam, por que elas têm medo, às vezes, algumas religiões que não querem receber sangue, por exemplo, porque a religiosidade não permite que ela receba a transfusão de sangue, eu vejo como a mesma questão das células tronco, as pessoas desconhecem o assunto, a religião é uma coisa muito presente, forte na comunidade de uma forma em geral, e que se a ciência não fizer amizade, se a ciência não tiver um andar junto com a religiosidade ela trava. (E8)

A oportunidade de ser sujeito de um protocolo de pesquisa, isto é, “participar da pesquisa” ou de “fazer a experiência”, deixar que experimentassem no seu corpo novos tratamentos, às vezes é vista como chance a aproveitar¹⁰. Essas negociações de sentido confirmam a diferença entre a disciplina oficial eclesiástica e a adesão voluntária dos fiéis. A esperança do bem maior, por vezes, direciona a uma aspiração, tanto religiosa, como referente aos objetivos da biomedicina.

Atualmente, existe 51 centros transplantadores de células tronco hematopoiéticas no Brasil, com aproximadamente 280 leitos. A maioria (85%) destes centros é pública. A necessidade anual de transplantes de células tronco hematopoiéticas é de aproximadamente 5.100 transplantes, embora o número de pacientes com doador aparentado seja da ordem de 30%. Esse cenário tem favorecido a expansão de fontes alternativas de células tronco hematopoiéticas no país, representadas pela criação de novos bancos de sangue de cordão umbilical.¹¹

Porém, nos é oportuno lembrar que essa é uma particularidade do transplante com células tronco adultas, retiradas da medula óssea, por vezes do próprio receptor de células tronco. Para tanto, sabemos que o cenário que impera sobre as pesquisas com células embrionárias e, até mesmo, outros tipos de transplantes com células adultas é outro. Este, por sua vez, encontra dificuldades em suas pesquisas e experimentos quando o assunto é tratado a nível nacional. Esta afirmativa pode ser exemplificada pela fala do sujeito E10, quando diz:

Eu acho que ainda há pouca inclusão social, mas existem muitos estudos que vem sendo feitos em relação a isso, e cada vez mais vão ser incentivados, eu acho que a oferta ainda é pouca até pela aprovação e conceitos éticos em relação ao assunto, mas acredito que cada vez mais a disponibilidade dessa opção vai ajudar na fonte da população em geral.

Segundo Souza e Elias¹², a prática de experimentos com células tronco em humanos enfrenta, evidentemente, várias barreiras, uma vez que envolve comitês de ética em pesquisa, o que, de certa forma, justifica a pouca oferta para esse tratamento. A medicina veterinária, que é menos vulnerável às considerações legais, éticas e religiosas, já obteve progressos enormes no emprego terapêutico das células tronco.

Embora com muita dificuldade, as pesquisas avançam, todavia, é necessário não queimar etapas. É primordial a segurança e o respeito ao indivíduo em qualquer procedimento. Para tanto, vários testes devem ser feitos a fim de obter, gradualmente, garantia da efetividade no tratamento com células tronco. É necessário entender que a aplicabilidade da pesquisa, nos seres humanos, é o último passo a ser conquistado. Essa somente é realizada através do progresso que a ciência comete pesquisa após pesquisa.

Considerações finais

Os avanços, envolvendo a biotecnologia, causaram enormes benefícios, uma vez que praticamente permitem o controle da vida, habilitando profissionais a criar e modificar os fundamentos vitais.

No que se refere a estudos de terapias com células tronco, vários debates ocorreram quanto à tramitação de um projeto de lei no Congresso Nacional que se refere à utilização de embriões humanos em pesquisas científicas. A Lei n.º 11.105/05, ou Lei da Biossegurança¹³ não possibilita que se utilizem todos e quaisquer embriões que se originem de fecundação in vitro.

Para tanto, o tratamento com células tronco possui uma grande massa de informações sobre sua utilização terapêutica e as descobertas, acerca desse tema, têm surpreendido a comunidade científica. Além do mais, as pesquisas celulares sustentam a esperança humana de encontrar no tratamento a amenização dos sintomas ou talvez a cura para doenças, as quais teriam possibilidade de regressão patológica desconhecida até pouco tempo atrás.

Assim sendo, com base nos depoimentos colhidos, nota-se que a terapia celular ainda não foi devidamente explorada pela enfermagem brasileira, demonstrando a pouca inserção do profissional enfermeiro nos escassos serviços que dispõem esse tipo de tratamento, elucidando também a não divulgação do conhecimento produzido no seu cotidiano.

Sob este ponto de vista, outros vários fatores podem ser elencados. Estes, contribuem para esse afastamento em relação à terapia celular, por vezes, no meio acadêmico e/ou profissional como: falta de domínio da metodologia científica, pouco incentivo e estímulo à pesquisa e publicação, ingresso reduzido de enfermeiros dos serviços de terapia celular em mestrados e doutorados, além de outros fatores. A carência principal ainda se evidencia quanto a estudos que focalizam o cuidado de enfermagem a esses pacientes.

Quanto à visão do enfermeiro, perante a inclusão social de indivíduos na terapia celular com células tronco, fica claro que dentre os entrevistados todos conhecem a situação do país com relação à escassez de instituições que dispõem desse serviço. Afora isso, analisam que a questão ética, a qual engloba as pesquisas, impera, diante dessa realidade.

Questões éticas permeiam esse processo de lapidar um conhecimento. À medida que se conhece as células tronco, as origens e quais os procedimentos para a obtenção dessas células, avaliam-se também seus riscos e benefícios. De tal forma, alguns pronunciamentos demonstram certa imprecisão quanto a esse conhecimento, evidenciado, por vezes, pelo ato de não tomar partido de alguns participantes da pesquisa.

Ao final desse trabalho, nota-se que muitos são os fatores que se somam, levando-nos a acreditar no potencial terapêutico das células tronco. Nota-se, ainda, que esse potencial, até agora, não foi descoberto por inteiro e, a partir dessa afirmação, advém a necessidade de mais estudos. É possível visualizar que os escassos serviços, disponíveis em terapia celular, hoje, são um dos motivos que gera a baixa inserção e interesse da enfermagem sobre essa temática. Em relação à enfermagem, ainda não há um interesse sólido, estabelecido por esse tipo de terapia celular, sendo que os próprios profissionais evidenciam o saber, de que ainda há muito a ser aprofundado.

O processo de adoecer cronicamente traz consigo uma fragilidade do indivíduo, tanto espiritual, emocional e não esquecendo o abatimento, em se tratando da própria saúde. A possibilidade de estar junto a esse indivíduo e sua terapêutica, inclinando-se diante dele e de sua dor permite entrar em contato com suas emoções em prol de compreendê-las. Esse é o trabalho dignificado por muitos na Enfermagem.

É pertinente lançar um olhar cuidadoso, bem como atencioso ao indivíduo na Enfermagem. Do mesmo modo, esse zelo deve ser praticado a um paciente transplantado com células tronco. Saber da importância do profissional em distinguir e reconhecer sinais e sintomas, orientar quanto à nova condição de vida e os riscos que podem envolver esse procedimento, são fundamentais.

O profissional Enfermeiro, nesse momento transitório, participa da vida dessa pessoa, mas o viver é dela, com seus significados, enfrentamentos. É com essa manifestação de cuidados que a essência da importância de cada ser humano é despertada. Passa-se, então, a dedicar atenção àquele indivíduo enfermo, dispondo-se a participar em seu destino, suas buscas, seus sofrimentos e sucessos; conseqüentemente, participa de todo o seu prognóstico.

Não tão distante, é associado a esse pensar, que profissionais enfermeiros inseridos numa realidade talvez distante da dos transplantes com células tronco, podem intervir também na realidade daqueles doentes crônicos, que ainda não conhecem essa terapia ou não a reconhecem com vistas a seu potencial. A possibilidade de correlacionar sua patologia com a possibilidade de cura deve ser elucidada pelo profissional enfermeiro, ressaltando, assim, a possibilidade de melhor prognóstico da doença ou até mesmo a sua cura. Oferecer

essa possibilidade ao indivíduo pode trazer-lhe uma nova condição de vida e de saúde.

Alimentar a esperança nos sujeitos, por parte da enfermagem, não se trata apenas em alegar uma nova conduta terapêutica, mas sim, aliar a esperança como parte integrante do cuidado. É a busca da consolação para o sofrimento humano. Em outra esfera, sabendo que as células tronco são uma esperança de cura no indivíduo e que, por vezes, a confiança depositada nessa terapia supera seu potencial, a enfermagem deve adentrar nessa realidade preparando o indivíduo para um possível mau prognóstico e intervindo de forma efetiva e ética frente à situação. De tal forma, é imprescindível que o paciente esteja ciente de todos seus riscos e benefícios ao se inserir nesse tipo de terapia.

Por fim, incide a necessidade do conhecimento por parte da enfermagem sobre células tronco para uma boa intervenção na condição do paciente. É necessária ainda, maior inclusão social desses indivíduos em sistemas que dispunham desse serviço. O enfermeiro tem de estar ciente sobre o que deve saber, conhecendo direta e indiretamente os fatores associados a essa terapia.

Referências bibliográficas

1. Nardi, NB; Teixeira, LAK.; Silva, EFA. Terapia gênica: Ciência e Saúde Coletiva. Porto Alegre-RS: 2002
2. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de Novembro de 2001. Seção 1, p. 37.
3. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2007.
4. Reis, AC. dos. Papel da enfermagem na equipe multidisciplinar. Coordenadora de Enfermagem - CRT/DST/AIDS. São Paulo -2009.
5. Mercês, NNA da. Representações sociais sobre o transplante de células tronco hematopoiéticas e do cuidado de enfermagem. Tese de doutorado. Florianópolis (SC): UFSC/PEN, 2009.
6. Koerich, MS.; Machado, R.R.; Costa, E. Ética e bioética: para dar início à reflexão. Texto e Contexto Enferm. SC- 2004.
7. Junior, EQO. A ética médica, a bioética e os procedimentos com células tronco hematopoéticas. Rev. Bras. Hematol. Hemoter. vol.31 supl.1 São Paulo, 2009.
8. Entrevista: Júlio César Voltarelli, imunologista do Centro de Terapia Celular. 16/8/2008. Gazeta Online. Disponível em: <<http://www.diabetenet.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=3879>> . Acesso em: 29 out.
9. Telles, M. Terapia com aumenta a sobrevida de pacientes cardíacos. Saúde. Inovação em pauta. [s.n.]
10. Luna, N. Religiosidade no contexto das terapias com células tronco: uma investigação comparativa entre pesquisadores “iniciantes e iniciados” e seus pacientes. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(2): 156-178, 2008.
11. Junior, FCS.; Odongo, FCA.; Dullely, FL. Células-tronco hematopoéticas: utilidades e perspectivas. Rev. Bras. Hematol. Hemoter Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – São Paulo-SP. 2009.
12. Souza, MHL; Elias, DO. As células tronco e seu potencial de reparação de órgãos e tecidos. Centro de estudos Alfa Rio – Programa de educação continuada. Manual de Instrução Programada: Princípios de Hematologia e Hemoterapia - Segunda Edição 2005.
13. BRASIL. Audiência Pública no Supremo Tribunal Federal (STF). Ação Direta de Inconstitucionalidade

(ADI) 3510 que contesta o uso de células tronco em pesquisas científicas, com base na Lei de Biossegurança (Lei nº 11.105/05). Relator: Min. Ellen Gracie. Acórdão de 20 de abr. de 2007. Disponível em: < <http://www.stf.gov.br/noticias/imprensa/ultimas/> > Acesso em: 10 mai. de 2010.

Danusa Begnini

Endereço para correspondência — Rua Valentin Stefanelo, 274, Centro. Jaboticaba – RS.

E-mail: danusabegnini@hotmail.com

Recebido em 23 de julho de 2011.

Aprovado em 26 de outubro de 2011.